



A importância de pesquisar forrageiras adaptadas

Ulisses de Arruda Córdova¹

Nos últimos meses estão sobre a minha mesa de trabalho alguns livros bastante antigos, como **Forrageiras para o Sul do Brasil** (Anacreonte Ávila de Araújo, 1942), **Culturas Forrageiras** (mesmo autor, 1954), **Informações sobre Algumas Plantas Forrageiras** (Jorge Ramos de Otero, 1961), entre outros. Os leitores podem questionar por que um pesquisador da era da informática “se debruça” sobre publicações tão antigas.

A resposta vem em forma de explicação. As sementes de forrageiras de clima temperado que encontramos atualmente no mercado, principalmente de leguminosas e gramíneas perenes, são todas importadas de outros países. Esse fato tem uma série de implicações: a) essas espécies e cultivares foram selecionadas em condições de clima e solo diferentes dos nossos, certamente mais favoráveis, principalmente em termos de fertilidade; b) a seleção foi realizada em sistema convencional de cultivo, ou seja, mecanização completa; c) não são materiais pesquisados em sistema de cultivo mínimo; isso significa que não foram testados, por exemplo, para introdução em melhoramento de campo nativo; d) a maioria das plantas indicadoras (as chamadas “ervas daninhas” ou “indesejáveis”) existentes na nossa região estão há milhões de anos adaptadas a este *habitat*, portanto, suportam baixa fertilidade e os rigores climáticos e

por isso são mais eficientes na competição por água, luz e nutrientes, e e) principalmente as leguminosas apresentam moderada a baixa resistência ao frio de altitude, onde a temperatura de relva e principalmente a sensação térmica dos ventos gelados são muito inferiores à temperatura ambiente.

Mas o que tem a ver livros técnicos antigos com essa questão? É simples. Há décadas muitas forrageiras foram introduzidas nas estações experimentais do sul do Brasil e distribuídas em centenas de propriedades, e com o passar dos anos, disseminadas através de intercâmbio entre muitos produtores. Assim, aquelas que sobre-

viveram ao longo desse tempo se adaptaram às condições edafoclimáticas locais e regionais e tornaram-se naturalizadas. Entre essas se pode citar o capim-lanudo ou ulca (*Holcus lanatus*), faláris (*Phalaris* sp.), fluva (*Anthoxantum odoratum*), trevo-branco (*Trifolium repens*) e outras leguminosas dos gêneros *Melilotus* e *Medicago*. Todas essas espécies estão descritas nesses livros citados. O trabalho de adaptação das referidas espécies foi realizado pela natureza e pelos agricultores que as preservaram. E se foram mantidas nas propriedades é porque apresentam qualidades forrageiras desejáveis, como produzir com baixo nível de insumos.

A coleta de forrageiras naturalizadas e nativas para avaliação em estações experimentais é um caminho bem mais curto e rápido para a obtenção de cultivares do que se trabalhar somente com materiais exóticos. Países como a Nova Zelândia, Austrália, Uruguai e mesmo os Estados Unidos, entre outros, têm coletado forrageiras em locais até fora de suas fronteiras, mas em latitude, altitude, relevo e solo semelhantes, e lançado no mercado boas cultivares de forrageiras. Exemplo recente é a cultivar uruguaia de capim-lanudo



Capim-lanudo: uma das forrageiras naturalizadas de grande potencial para o Planalto Catarinense

¹Eng. agr., M.Sc, Epagri/Estação Experimental de Lages, C.P. 181, 88502-970 Lages, SC, fone/fax: 3224-4400, e-mail: ulisses@epagri.rct-sc.br.

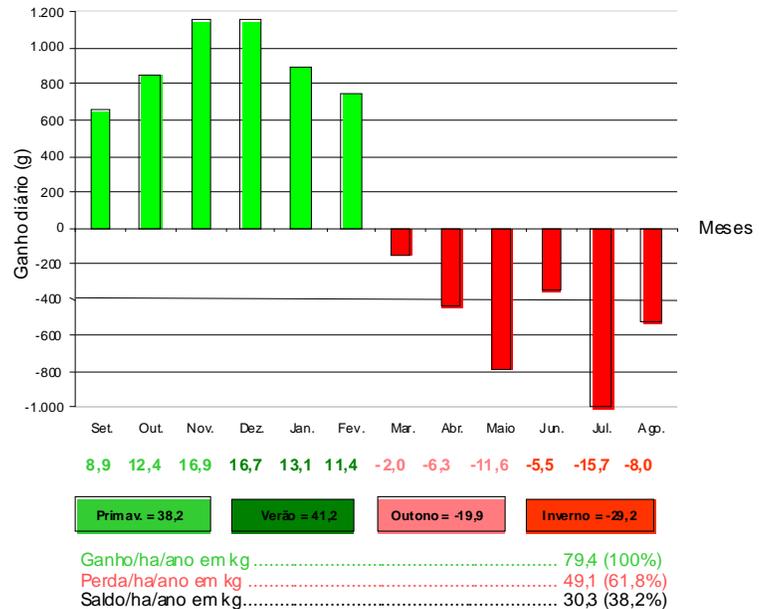
La Magnólia, que tem apresentado um alto desempenho em testes realizados pela Epagri/Estação Experimental de Lages, tem origem na região sudoeste do Rio Grande do Sul e que em avaliações feitas no Instituto Nacional de Investigación Agropecuária em Tacuarembó (Uruguai) superou todos os genótipos importados de outros países.

Outra questão deve ser levada em consideração: selecionar genótipos altamente produtivos na época favorável (primavera/verão) ou forrageiras que tenham a capacidade de produzir também no outono/inverno? Certamente a segunda opção é a que mais interessa à pecuária regional, pois o grande problema dessa atividade no Planalto Catarinense é justamente a deficiência alimentar que ocorre no último período citado, quando os animais perdem peso por autofagia (Figura 1). Nesta figura são apresentados dados de um trabalho clássico realizado em Vacaria, RS, mas que serve de parâmetro para o Planalto Catarinense, pois a altitude do local do estudo representa aproximadamente a média desta vasta região. Isso implica em ecótipos que tenham alta tolerância ao frio, pouca exigência em fertilidade (no inverno a mineralização dos nutrientes é menor), produzam massa verde mesmo com baixas temperaturas e com fotoperíodos curtos e que estejam adaptados ao pastoreio e pisoteio animal.

Mas como descobrir e obter tais genótipos? Só há um caminho: percorrer propriedades existentes na região. Onde houver informação

de algo que possa interessar, ir lá e coletar. Percorrer os pontos mais altos e inóspitos verificando a possibilidade de existência de alguma forrageira interessante. Nesse trabalho é importante contar com a colaboração de técnicos municipais e produtores. Todo o material coletado deverá ser avaliado através de ensaios experimentais antes de qualquer recomendação, visando, inclusive, o melhoramento genético, sem, no entanto, afetar a principal característica que é a capacidade de produzir em condições adversas.

Essa é uma alternativa mais segura para a obtenção de boas forrageiras, porém, não significa que não demande um certo tempo para se chegar a algumas cultivares. É necessário um trabalho persistente de um grupo de pesquisadores, de preferência interinstitucionais, recursos disponíveis e, principalmente, acreditar que a solução para a alimentação de nossa pecuária pode estar mais perto do que imaginamos e em algumas informações de velhos mestres que registraram seus esforços em escassas publicações. ■



Fonte: Secretaria de Agricultura do RS apud Borges De Medeiros, s.d., adaptado e citado por Córdova, (1997).

Figura 1. Desempenho de novilhos em campo nativo (média de 2 anos lotação de 0,5cab./ha na Estação Experimental de Vacaria, RS)

Macanuda: para cada produto, uma solução.



Alambiques	Freezers
Balanças	Fritadores
Caldeiras	logurteiras
Câmaras frias	Misturadores
Desidratadoras	Moinhos
Desnatadeiras	Pasteurizadores
Despolpadeiras	Seladoras
Dosadores	Serras
Embaladoras	Tachos
Fornos e fogões	

Hauber

Macanuda[®]
DME

Rua Araranguá, 41, Bairro América
89204-310 Joinville, Santa Catarina, Brasil
Fone: 55 (47) 423-0232, fax: 55 (47) 422-6706
E-mail: macanuda@macanuda.com.br
macanuda@tutopia.com.br